

Estudos da modalidade: as tipologias de Campos*

Janete dos Santos Bessa Neves

Abstract. The inquiries of Campos emphasize a special concern for the systematization of the category 'modality'. We understand that this concern left an important legacy for a clearer understanding of the semantic-enunciative vision of the modal values. We find these studies on modality in different academic works, especially in Campos & Xavier (1991), and in Campos (2004). The objective of this presentation is to evidence two systematizations formulated by this author, being carried through a synthesis of the two works, beyond promoting a comparison between the two systematizations.

Ao se preocupar, particularmente, com os estudos da modalidade, a Profa. Maria Henriqueta Costa Campos nos deixou um legado que representa fonte segura, precisa e meticulosa dessa categoria gramatical. Em suas diferentes obras, encontramos, ao lado de descrições de marcadores linguísticos, uma preocupação com a sistematização dos valores modais, o que se pode constatar mais acentuadamente em Campos & Xavier (1991) e em seu último artigo, Campos (2004)¹.

O presente trabalho tem por finalidade apresentar as tipologias formuladas por Campos & Xavier (1991) e Campos (2004), promovendo uma comparação entre as duas.

Em suas diferentes obras, Campos destaca que a abordagem de uma categoria gramatical como a modalidade raramente dá origem a grandes consensos,

o que é compartilhado por outros estudiosos do assunto – v. Lyons (1995, 327), Oliveira (1993, 26-27). E isso ocorre exatamente porque há uma relevante heterogeneidade dos dados – os observáveis – dificultando uma visão unificadora dessa categoria. No entanto, há consenso no que se refere a uma definição intensional, permitindo hipóteses adequadas à diversidade da definição extensional; esta, sim, geradora de polêmica.

Definição de modalidade

A definição de modalidade linguística, numa abordagem semântico-enunciativa, nos diz que essa categoria gramatical explicita as diferentes atitudes do locutor em relação a um conteúdo proposicional e a seu interlocutor. Por outras palavras, modalidade linguística gramaticaliza a localização de um conteúdo proposicional em relação a um enunciador-locutor, que é, assim, um sujeito modal (Campos, 2004).

Há evidentemente um percurso teórico-metodológico, reconhecido por Campos, para promover e evidenciar uma sistematização dos valores modais construídos em que se explicitam as atitudes do enunciador. Em sua obra de 2004, a autora opõe duas tipologias dos valores modais, a partir das quais

* Agradeço comentários de António Moreno e Helena Valentim.

¹ O objetivo precípua deste artigo de 2004 não foi realizar uma sistematização dos valores modais, mas, sim, distinguir formalmente a modalidade apreciativa dos outros tipos de modalidade e instigar novas investigações sobre as ocorrências da apreciação em português. Ao efetivar esse objetivo, Campos realizou uma distinção clara entre os diferentes tipos de modalidade.

apresenta uma sistematização particular. Campos apresenta, primeiramente, os estudos filosóficos, cujos autores enquadraram o fenômeno modal em dois principais grupos de grande amplitude, a saber:

Modalidade epistémica

Nesse tipo de modalidade, constata-se, positiva ou negativamente, a existência de um determinado estado de coisas. Ou seja, o locutor valida, positiva ou negativamente, um conteúdo proposicional (ou relação predicativa).

A validação, em diferentes graus, pode representar-se sobre uma escala contínua, não métrica, de valores assertivos, delimitada pelos polos discretos de assunção máxima – polo positivo – e da assunção mínima ou nula – polo negativo. É a modalidade do saber ou da crença que caracteriza todo e qualquer enunciado. Os seus valores decorrem do tipo e do grau do conhecimento em que o locutor se fundamenta para construir seu juízo. Esse tipo e grau de conhecimento estão na base da categoria designada por ‘mediativo’.

Modalidade intersujeitos

Esse tipo de modalidade corresponde a um juízo pelo qual o locutor exprime o desejo de alteração de um determinado estado de coisas. O locutor constrói como ‘validável’ uma relação predicativa localizada num espaço-temporal, mas num tempo posterior ao tempo do juízo modal.

Uma característica deste tipo é a relação que a enunciação constrói entre o sujeito modal e o sujeito do enunciado. A modalidade intersujeitos dá conta da relação entre os sujeitos e permite abranger valores modais como a interrogação em que o enunciador remete para o co-enunciador a validação da relação predicativa por ele construída como validável.

Esses dois primeiros tipos de modalidade não se excluem mutuamente. A interrogação, por exemplo, compartilha dos dois tipos de modalidade, considerando que “implica sempre a validação da relação predicativa subjacente, num outro espaço enunciativo, antecipadamente construído, no qual o co-enunciador (da pergunta) se instituirá como enunciador de uma asserção (resposta)” (Afonso, 2000, 55). Um terceiro tipo também surge entre os autores:

Modalidade apreciativa

É também designada modalidade avaliativa. Em função da multiplicidade de categorias linguísticas que exprimem esse tipo de modalidade, há uma dificuldade de caracterização que permita isolar e identificar esta modalidade como objeto de análise sobre o qual se possa construir um cálculo. De modo geral, é definida como a atribuição por parte do sujeito enunciativo de um juízo de valor em relação a um fato ou a um estado de coisas.

A tipologia de Campos Sob a égide da semântica enunciativa, Campos elaborou uma tipologia que tem sua origem na abordagem de Culioli (1971, 1976 e 1990) para os estudos dos valores modais. Culioli (1971) identifica quatro grandes grupos de modalidade, a saber: as modalidades da asserção (afirmação, negação) e da interrogação; as modalidades do certo/não certo, provável, necessário, possível (Ex: “provavelmente ele cometeu os mesmos erros”; “alguém deve ter chegado antes da hora combinada”; as modalidades que abrangem os valores apreciativos e afetivos (Ex.: “infelizmente, temos de partir”; “seria interessante voltarmos àquele país”); e as modalidades que expressam valores complexos que

dependem da relação entre sujeitos (Ex.: “é necessário que os alunos entendam o conteúdo da aula”).

Culioli observa que as várias modalidades não são mutuamente exclusivas. Destaca, ainda, que uma operação de modalização pode pertencer a mais de um tipo, considerando que essas operações se imbricam em suas configurações nos enunciados.

Campos apresenta sistematização dos valores modais, principalmente, em duas obras Campos & Xavier (1991) e Campos (2004), que passamos a reproduzir:

I. Em Campos & Xavier (1991), há a seguinte tipologia dos valores modais²:

Modalidade epistêmica: enunciados que exprimem a atitude do enunciador em relação à validação ou não validação da relação predicativa. Há duas formas de se construir este tipo de modalidade:

a) Assume, validando ou não validando:

O Gil plantou uma árvore. → validação

O Gil não plantou uma árvore. → não validação

b) Prefere não se responsabilizar, construindo uma distância e exprimindo o seu grau de conhecimento em relação ao conhecimento construído:

Acho que o Gil plantou uma árvore.

O Gil deve ter plantado uma árvore.

Talvez o Gil tenha plantado uma árvore.

O Gil pode ter (ou não ter) plantado uma árvore.

Modalidade apreciativa: enunciados que marcam a construção de um juízo de valor, de uma apreciação, sobre uma relação predicativa já validada (pré-construída).

Exemplos:

Felizmente, o Gil plantou uma árvore.

Foi bom que o Gil tenha plantado uma árvore.

É bom que o Gil esteja a plantar / plantando uma árvore.

Seria bom que o Gil plantasse uma árvore.

Modalidade intersujeitos: corresponde a uma relação interagentiva entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado: o sujeito da enunciação age sobre o sujeito do enunciado, procurando desencadear uma situação dinâmica, em que o sujeito do enunciado é agente.

Exemplos:

É necessário que o Gil plante uma árvore.

O Gil tem de / deve / devia plantar uma árvore.

O Gil pode plantar uma árvore.

II. Em Campos (2004), seguindo a reflexão de Bally (1944), como a própria autora assumiu, temos a seguinte tipologia:

A. Valor epistêmico: corresponde à constatação de que um determinado estado de coisas **É** ou **NÃO É**. Em T₀, tempo da enunciação, e do juízo modal, o locutor, sujeito modal, constrói linguisticamente uma ocorrência de relação predicativa, assumindo-a, isto é, validando-a em diferentes graus:

a) no plano enunciativo, se o valor modal é de asserção estrita (positiva ou negativa) e se situa no polo positivo da escala de valores assertivos;

b) no plano aorístico (em ruptura com o plano enunciativo), se o valor modal se situa num dos pontos da escala contínua (diferente do plano enunciativo).

B. Valor deôntico: corresponde ao desejo de que um determinado estado de coisas **SEJA** ou **NÃO SEJA**. Em T, tempo da enunciação, o sujeito modal constrói uma ocorrência da relação predicativa como validável. Ou visa à validação (ou não validação) de uma relação predicativa

² Os exemplos são de Campos & Xavier, 1991.

num tempo (do acontecimento linguístico) posterior ao tempo do juízo modal, e no plano aorístico.

C. Valor apreciativo: corresponde à apreciação sobre um estado de coisas como [desejável] ou [indesejável]. Em T₀, tempo da enunciação, o sujeito modal emite um juízo intelectual ou emotivo, positivo ou negativo, sobre um fato, um estado de coisas que é do conhecimento dos participantes da enunciação. Por outras palavras, sobre uma ocorrência de uma relação predicativa cuja validação ou não validação foi construída numa situação de enunciação distinta daquela em que é construído o valor modal em análise (pré-construída).

Vale destacar que a discussão em torno da aceitação de que o enunciador assume um posicionamento em relação ao construído em outra situação de enunciação vem de longe e tem sua gênese na reflexão feita por Culioli e Pêcheux³. Esses autores identificaram três níveis na construção da significação: o inassertado (origem do discurso), o pré-assertado (pré-lexical, lexis em potencial) e o assertado (ocorrência: lexis e situação de enunciação). O pré-construído está situado no nível inassertado, “na medida em que corresponde a uma sequência encaixada em uma outra de modo invisível, com efeito de evidência prévia” (*apud* Paveau, 2008). Mas a designação ‘pré-construído’ foi introduzida por Culioli para designar o nível pré-lexical.

O mediativo

A questão da identificação dos valores modais perpassa, evidentemente, para além do que o enunciador constrói e

assume diante do conhecimento construído. Em termos semântico-enunciativos, temos o valor mediativo quando o enunciador, ao construir o enunciado, explicita, por mecanismos diversos, fatos apresentados que não constituem a expressão de uma visão pessoal e sim a de outros enunciadores aos quais o enunciador recorreu para validar seu enunciado (Neves, 2006).

Isso pode ser constatado, como salientam Neves & Oliveira (2003), em processos sintáticos e/ou por marcadores não exclusivos desse valor, como, por exemplo, advérbios de frase, do tipo *aparentemente, visivelmente, certamente, supostamente*; nos verbos modais *dever* e *poder* com valor epistêmico; em fórmulas introdutórias do discurso relatado (*de acordo com X, segundo X, para X*), nas aspas de citação, entre muitos outros recursos.

Vale acrescentar que Campos (2001) sustenta a interação entre o mediativo e a modalidade, a partir da designação daquele como uma subcategoria desta, já que “o mediativo fornece à modalidade informação sobre a maior ou menor fiabilidade de uma informação, contribuindo para um valor modal epistêmico dentro de uma escala que vai da asserção estrita aos vários graus de probabilidade”.

Poderíamos identificar três domínios para o valor modal epistêmico e o mediativo estaria no terceiro domínio, a saber:

- a) do certo (assunção total: asserção estrita positiva ou asserção estrita negativa);
- b) do não-certo (não assunção ou assunção parcial: verbos epistêmicos *dever, poder*; verbos de opinião; advérbio *talvez*;
- c) do distanciamento enunciativo (mediativo): não assume a validação, construindo recursos linguísticos que marquem a distância entre enunciador e

³ Culioli, A., Fuchs C., Pêcheux M. (1970) *Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage*. Paris: Dunod, Documents de linguistique quantitative, 7.

enunciado, recorrendo à outra fonte enunciativa para a validação.

O valor mediativo se constrói a partir de uma ruptura enunciativa, ou seja, “qualquer ocorrência de um enunciado mediativo introduz necessariamente uma situação de enunciação mediatizada Sit_M que está em ruptura com a situação de enunciação [origem] Sit_0 ” (Guentchéva, 1994). Assim, esse valor vai operar sobre uma ruptura, que quer dizer que Sit_M é referencialmente independente de Sit_0 e a ruptura pode ser global ou afetar apenas um dos parâmetros: os enunciadores ou os instantes. Um enunciador mediatizado (S_M), em ruptura com S_0 , é fundamentalmente indeterminado; um instante mediatizado (T_M), em ruptura com T_0 , surge como fictício (Guentchéva 1994).

Considerações finais

Os estudos sobre a ‘modalidade’ realizados por Campos representam uma importante contribuição à compreensão e sistematização dessa categoria em português. A autora deixou um legado que hoje é imprescindível fonte de consulta tanto em Portugal quanto no Brasil.

A sistematização que apresenta na obra de 2004 revela o alto grau de refinamento a que a investigação de Campos chegou e, comparando as duas sistematizações (Campos & Xavier, 1991, e Campos, 2004), constatamos que a versão de 2004 explicita uma visão mais simplificada e ao mesmo tempo mais generalizante, o que favorece a descrição e explicação dos marcadores dos valores modais em português. Isso pode ser constatado com a simplificação em epistémicos, deônticos e apreciativos.

Referências Bibliográficas

- Afonso, Ana Bela 2000. *Valores da Interrogação – Um estudo linguístico*. Viana do Castelo, Edição do Centro Cultural do Alto Minho.
- Bally, Charles 1944[1932]. *Linguistique générale, Linguistique française*, Berne, A. Francke AS
- Campos, M^a Henriqueta Costa 2001. “Enunciação mediatizada e operações cognitivas”. In A.S. Silva (org.), *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga, APL/UCP, 325-340.
- Campos, M^a Henriqueta Costa 2004. “A modalidade apreciativa: uma questão teórica”. In Oliveira, F. E Duarte, I. M. (org.). *Da Língua e do Discurso*, p. 265-281.
- Campos, M^a Henriqueta Costa & Xavier, Maria Francisca 1991. *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Culioli, Antoine 1971. *Définitions de quelques termes en linguistique, Extraits de l'Encyclopédie Alpha*, Paris, Grange-Batelière
- Culioli, Antoine 1976. *Recherche en Linguistique: Théorie des Opérations Énonciatives*.
- Culioli, Antoine 1990. *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*. Tome 1. Paris, Ophrys
- Guentchéva, Zlatka 1994. “Mani-festations de la catégorie du médiatif dans les temps du français”, *Langue Française 102: Les sources du savoir*, 8-23.
- Lyons, John 1995. *Linguistic Semantics. An introduction*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Neves, Janete dos Santos Bessa 2006. *Estudo semântico-enunciativo da modalidade no artigo de opinião*. Dissertação de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

- Neves, Janete dos Santos Bessa & Oliveira, Teresa 2003. “Estratégias linguísticas de distanciamento no jornalismo: as construções mediatizadas”. In Leonel Ruiz Miyares, Célia E. Alvarez Moreno & Maria Rosa Alvarez Silva (Editores), *Actas – II – VIII Simpósio Internacional de Comunicación Social (Santiago de Cuba, 20-24 de Enero Del 2003)*, Santiago de Cuba, Centro de Linguística Aplicada, 823-827.
- Oliveira, Fátima. 1993 “Questões sobre Modalidade em Português”. In: *Cadernos de Semântica*, 15, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 01-29.
- Paveau, Marie-Anne 2008. *Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição*. Tradução de Norma Seltzer Goldstein. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/site/images/arquivos/FLP9/Paveau.pdf>